

# O ser humano e a busca do segredo da vida

Helena Maria Vieira de Sá Figueiredo<sup>1</sup>

## RESUMO

Compreender o que é a Vida ou o Homem, responder à questão mais radical da nossa existência, sempre foi o desejo mais íntimo da humanidade. A partir do nascimento da primeira criança por fertilização *in vitro* em 1978 e dos progressos das técnicas de reprodução assistida, levantaram-se inúmeros dilemas éticos para os quais não há, ainda hoje, soluções. Devemos prestar atenção sobre o significado a dar à procriação, e mais ainda às técnicas de procriação assistida.

Devemos respeitar a vida do ser concebido, tanto no estágio embrionário como em estádios de desenvolvimento.

Ao estarem hoje disponíveis numerosas tecnologias da reprodução, devemos ter em conta que só é ética a reprodução humana se em todos os seus passos se respeitar as exigências da dignidade da pessoa humana.

**Palavras-chave:** dignidade, respeito, vida humana.

Nascer e Crescer 2007; 16(2): 87-91

## INTRODUÇÃO

Toda a ontogenia do ser humano, desde os estados precoces da vida embrionária, se dirige para a formação de um animal cultural, que faz a sua história, decide a sua vida, constrói o seu mundo. O ser humano desenvolve-se para o mundo existente e para novos mundos que concebe e cria.

Os progressos científicos com os avanços da biologia molecular e da genética têm propiciado um eufórico optimismo quanto à possibilidade de o

ser humano estabelecer o seu próprio domínio sobre mundo. Abriram os nossos olhos para a incrível complexidade e fascinante complicação que é a Vida. Os caminhos abertos pela ciência nas últimas décadas, relativamente à manipulação biológica do ser humano em múltiplas motivações e finalidades, revelam-se tão surpreendentes quanto aterradoras. A inteligência e eficácia criadora do ser humano permitem-lhe agora conseguir produzir um ser humano em laboratório.

Em 1978, quando se anunciou ao mundo a viabilidade da fertilização *in vitro* estávamos longe de imaginar, que o nosso futuro, enquanto espécie, pudesse estar ao alcance de uma proveta.

No novo século, o ser humano desafia-se a si mesmo para se conhecer, transformar e tentar melhorar.

## Passado presente e futuro e suas profundidades

Compreender o que é a Vida ou o ser humano, responder à questão mais radical da nossa existência, sempre foi o desejo mais íntimo da humanidade que, de uma forma ou de outra, utilizando uma análise compartimentada da realidade numa tentativa de compreender isto ou aquilo, foi desvendando esse mistério capital. Compreender a Vida ou o ser humano passa, por compreender os organismos vivos e a sua estrutura material. Passa sem dúvida pela compreensão do sub vivo da Matéria e da sua origem. É da estranha "aliança" das partículas elementares em átomos, dos átomos em moléculas, destas em macro moléculas, passando pelos protoorganismos e pelas células até se chegar ao organismo, que parece ter nascido a Vida<sup>(1)</sup>.

O dogma prevalecente é de que todas as formas de vida na Terra partilham uma origem comum. O mecanismo através do qual as criaturas terão evoluído não é de forma alguma clara. Hoje, as comparações têm sido feitas ao nível molecular, através de estudos proteicos, análise citogenética de cromossomas, e mais recentemente com o ADN.

A evolução já não parece ser um processo dirigido pelas forças do acaso e da selecção, cujos produtos são aceites como fatalidades, sobretudo ao nível das patologias humanas.

Não parece existir fronteira natural entre o humano e os restantes animais. Contudo, aparentemente, o ser humano não se diferencia e superioriza pelo biológico.

As perspectivas são outras, porque as possibilidades de modificar e melhorar a diversidade fazem parte já das realidades das biotecnologias.

A terapia génica e a produção de compostos orgânicos têm tido um crescimento imparável graças às investigações de inúmeros *bricoleurs*, abrindo-se, obviamente, um horizonte eugénico para o ser humano, já previsto por Gordon Taylor: "Estes trabalhos abrem-nos perspectivas que fazem estremecer a imaginação"<sup>(2)</sup>.

Segundo observa Luís Archer, "o perigo não está na engenharia genética mas no coração do ser humano. As novas tecnologias apenas ampliam as possibilidades humanas concretas para praticar o Bem ou o Mal"<sup>(3)</sup>. É que, diz Maria Manuel Jorge, "não se investiga a ética nos laboratórios. Os produtos que a ciência – particularmente a biologia – lança no mercado, não trazem etiqueta ou garantia ética. Funcionam, é tudo..."<sup>(4)</sup>.

<sup>1</sup> Assessora, ramo de Laboratório; Mestre em Bioética e Ética Médica

É precisamente este um dos problemas da sociedade moderna: a técnica extrema e cega, aparentemente ligada à indiferença social, e que está “dominada pela racionalidade instrumental e pela ideia de que tudo o que se pode fazer se deve fazer, atinge não somente o mundo material mas também o mundo da vida, o mundo social e as estruturas mentais do indivíduo, submetendo-o à confusão, ao desenraizamento e à perda do sentido”<sup>(5)</sup>.

Neste progressivo ou regressivo reconhecimento, a memória, e muito mais a História, parece ditar as leis do jogo e traçar o itinerário dessa viagem onde a informação se impõe no sentido do presente.

Mas a explosão tecnológica não pode e nem deve levar à fragmentação do ser humano.

O ser humano e os animais diferem fundamentalmente na capacidade que aquele tem de se auto analisar, de sair de si próprio e de se observar.

Como animal de instintos o ser humano, tem a liberdade de optar contra eles, mesmo que seja em seu detrimento.

A possibilidade de disciplinadamente controlar o corpo ou a mente, as opções morais, a união a uns ou outros, mostram-nos as diferentes pessoas em que nos tornamos.

A comunicação dos animais, em geral, é das mais variadas formas. Será que no ser humano a sua capacidade para a linguagem é apenas um melhoramento ou deverá atribuir-se a um outro factor determinante, a existência de um cérebro melhor?

Nós, humanos, somos notáveis pelo conteúdo emocional das nossas vidas, por “sentimentos” de sofrimento ou de prazer. E não somos apenas fisicamente vulneráveis; também o somos psicologicamente. Cada um de nós conhece a sua fragilidade.

O que será que possuímos uns sobre os outros? Será que há algo de comparável no reino animal?

Sempre se reconheceu que existem variados graus de homologia entre as criaturas. No passado, as comparações entre espécies limitavam-se à

aparência física, anatómica, hábitos de reprodução e outras observações facilmente realizadas.

Poder-se-ia pensar que o elevado grau de homologia genética entre o ser humano e o chimpanzé, ao contrário de uma ameaça, deveria incrementar a nossa convicção de que há algo que não é nem físico nem material, mas que existe; está para além disso<sup>(6)</sup>. A este atributo alguns deram-lhe o nome de espírito. É o espírito e não o corpo que decide e actua, que ama e é criativo. Mas as ideias tal como florescem, do espírito, não têm forma, cor tamanho ou peso. Mas também não são o nada. As ideias e o pensamento, juntamente com o amor, são muito poderosas. Isto e a nossa capacidade de sermos criativos constituem os aspectos mais importantes da nossa existência. “Se nós continuamente produzimos coisas que não têm atributo de matéria, então parece razoável concluir que existe em nós algum elemento imaterial capaz de as produzir. A este elemento chamamos espírito”<sup>(7)</sup>. O corpo e o espírito integram uma unidade ontológica, intimamente interligados e interdependentes. O espírito é pois mais do que propriedade da pessoa. Significa imaterialidade, interioridade e princípio de auto consciência. Nesta capacidade íntima de auto consciência e de avaliar o sentido e a realidade que envolve o ser humano, ele é capaz de conhecer o “como”, o “porquê” e “para quê” do passado, do presente e do futuro. Cada ser humano se apreende como um “eu” autónomo, distinto e relacionado com o mundo e estabelece as diferenças com os objectos.

Enquanto ser pensante, e com capacidade de agir sobre o mundo exterior o ser humano busca a felicidade na auto realização. Em cada pessoa humana, esta existência dinâmica, do projecto de auto realização, confere-lhe dignidade própria.

O ser humano é natureza mas não é apenas natureza, é também cultura. E a cultura, ou seja tudo o que resulta da actividade intelectual e espiritual própria e específica do ser humano, é a autêntica forma de ser e de estar do ser humano<sup>(8)</sup>.

Viver segundo valores culturais, e não meramente segundo valores naturais, é conhecer e respeitar a norma ética cujo fundamento é a dignidade humana ou seja tudo aquilo que especificamente distingue os homens dos animais<sup>(9)</sup>.

Ao longo dos séculos o termo “dignidade” teve dois sentidos fundamentais: o sentido sociológico, hierarquizante, que foi o primeiro cronologicamente; e o sentido antropológico, igualitário, que se foi progressivamente impondo e que hoje é quase o único que a generalidade das pessoas liga à palavra. É naturalmente este sentido de dignidade humana que nos interessa compreender e fundamentar<sup>(10)</sup>.

Ao longo dos tempos várias opiniões acerca da dignidade humana foram encontradas. Para os romanos o conceito de *dignitas* é sócio-político. Integrava a pertença à nobreza, mas com uma forte conotação moral. Dignidade cujo fundamento se foi buscar à natureza do ser humano, natureza muito superior à dos animais.

Para os pensadores cristãos esta exaltação da pessoa humana não desaparece. Dão muito maior relevo ao facto de o ser humano ser imagem de Deus.

Os grandes autores escolásticos retomaram e desenvolveram estas ideias e a dignidade humana anda essencialmente ligada à racionalidade e ao facto de o ser humano ser imagem de Deus.

A concepção humanista, exalta a *humana dignitas* mas não deixa de a fundamentar no facto de o ser humano ser imagem de Deus, ter uma alma imortal e de por ele ter encarnado o Verbo de Deus.

Contra as posições católicas, a reforma luterana, minou o fundamento da dignidade que a racionalidade e a liberdade constituem.

Para Kant “o ser humano é um valor absoluto, fim em si mesmo, porque dotado de razão. A sua autonomia, porque ser racional, é a raiz da sua dignidade”<sup>(11)</sup>.

Mais tarde, nos séculos XIX e XX, o facto mais importante foi a proclamação, em 1948, da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, das Nações Unidas<sup>(12)</sup>. A invocação dos direitos huma-

nos, hoje praticamente substitui o apelo à dignidade humana.

A dignidade humana consiste ou resulta: da autonomia, da racionalidade e da espiritualidade da pessoa; da imortalidade da alma; do facto de o ser humano ser imagem de Deus, ter sido elevado à ordem sobrenatural e ter sido remido pelo filho de Deus feito ser humano.

Acontece com a dignidade algo de semelhante ao que St.º Agostinho dizia acerca do tempo: “se não nos interrogam, todos sabemos o que é; mas mal nos perguntam, entramos em dificuldade”<sup>(13)</sup>. É mais fácil concordar na afirmação da dignidade de toda a pessoa humana do que fundamentá-la. Podíamos dizer, de um modo intuitivo, que “sentimos” diante de qualquer ser humano, estar perante algo sagrado (como dizia Cícero), profundo (no dizer de St.º Agostinho), com algo de divino<sup>(13)</sup>. Temos consciência de que temos dignidade pessoal. Reconhecemos a dignidade de outrem porque nele vemos um outro eu.

Decorrente do princípio da dignidade da pessoa humana, a indisponibilidade do corpo humano (o corpo não é uma coisa) e conseqüentemente, o princípio de que o corpo humano está fora de comércio traduzem-se, igualmente, em princípios jurídicos, dos quais a impossibilidade de alienação do corpo humano, sua cedência ou aluguer são exemplos. A dignidade da pessoa humana, como fundamentação da lei moral, é hoje consagrada em todos os textos constitucionais e reflectida nos princípios gerais de Direito, sendo condição *sine qua non* para a elaboração e construção de todos os Direitos Humanos. Como diz LEBECH, “O fundamento essencial da dignidade humana é o de que todos os seres humanos são iguais e cada um tem um valor intrínseco”<sup>(14)</sup>.

### **Novas tecnologias de reprodução: novos problemas éticos.**

A partir do nascimento da primeira criança por fertilização *in vitro* em 1978 e dos progressos das técnicas de reprodução assistida, levantaram-se inúmeros dilemas éticos para os quais não há, ainda hoje, soluções unânimes e exigem uma discussão mais aprofundada.

Devemos prestar atenção sobre o significado a dar à procriação, e mais ainda às técnicas de procriação assistida.

Os principais temas que levantaram dilemas éticos são: o direito à procriação ou reprodução; o próprio processo de fertilização *in vitro* – será moralmente aceitável interferir directamente no processo reprodutivo? O estatuto do embrião humano; o envolvimento de uma terceira pessoa no processo reprodutivo por doação de material genético; a prática de mães de substituição; criopreservação de embriões; manipulação de gâmetas; manipulação genética; experimentação em pré-embriões<sup>(15)</sup>.

A complexidade das dimensões éticas envolvidas nestas tecnologias, podem resumir-se a quatro valores fundamentais: fecundidade, vida, conjugalidade, sexualidade<sup>(16)</sup>.

Problemas ligados com a fecundidade podem girar à volta de alguns pontos de discussão: Normalmente identifica-se fecundidade como fertilidade. A fecundação é o valor, a fertilidade é só uma, a sua expressão. No plano da realização do valor, a responsabilidade do casal será a de realizar a própria fecundidade, tendo em conta as contingências existenciais pessoais. Nenhum casal é obrigado a ter filhos, mas é sim obrigado a realizar a fecundidade própria do casal<sup>(17)</sup>.

Um segundo aspecto, a relação entre fecundidade e oblatividade. Não se pode falar de “direito ao filho”<sup>(17)</sup> como uma objectivação do ser humano. Ninguém tem o direito de ter uma pessoa como se fosse uma coisa. Há instrumentalização dos filhos quando estes são desejados por egoísmo, narcisismo e auto afirmação ou para satisfazer as necessidades dos pais<sup>(18)</sup>.

Mais complexa é a relação entre fecundidade natural/fecundidade cultural. Na nossa cultura os dois aspectos não coincidem. Sabemos que existe um controlo cultural da idade reprodutiva. A argumentação que se usa é que se a cultura controla a idade inicial em que é permitida uma gravidez, não se vê porquê também não controlar a idade final em que é permitido provocá-la.

Um ponto também muito importante é o da unidade e identidade do casal. Assim para que um casal o seja, é necessário que seja constituído por dois indivíduos de sexo diferente, o filho deve ser querido como fruto do amor conjugal e não como expressão de um desejo individual de gratificação. As técnicas de procriação devem assegurar à criança condições para o seu desenvolvimento integral, particularmente o direito a beneficiar da estrutura familiar, biparental, da filiação. Devem excluir-se as mães de substituição quer estas possam ou não contribuir com os seus ovócitos.

Devemos colocar o respeito pela vida do ser concebido, tanto no estágio embrionário como no desenvolvimento psíquico futuro. Avaliar quando podemos falar de vida humana em sentido próprio, portanto o fundamento do seu respeito. A destruição de embriões humanos ou a sua utilização para fins de investigação deverá pois ser proibida.

### **REFLEXÕES FINAIS**

Os sucessos obtidos com as técnicas de procriação assistida não devem fazer-nos esquecer que ainda se podem adoptar crianças, podendo a fecundidade do casal ter aqui a sua expressão máxima.

Os valores da procriação humana não se podem colocar todos no mesmo plano, nem considerados a nível ontológico.

É neste contexto que surge um novo domínio da ética. Uma atitude de sabedoria na boa avaliação dos casos, com os respectivos dilemas e conflitos, os riscos e benefícios, custos e vantagens. “Perante os novos poderes que a ciência dá ao ser humano sobre a vida e sobre si próprio, é importante que ele segure as rédeas do progresso e tome as decisões éticas que lhe tornem possível planear um futuro autenticamente humano. E assim poderemos definir Bioética como o saber transdisciplinar que planeia as atitudes que a humanidade deve tomar ao interferir com o nascer, o morrer, a qualidade de vida e a interdependência de todos os seres vivos. Bioética é decisão da sociedade sobre

as tecnologias que lhe convém. É expressão da consciência pública da humanidade<sup>(19)</sup>.

A atitude sensata deve ser esclarecida e ponderada, tendo em conta a escala de valores em jogo.

Todos os técnicos e profissionais devem incluir, na respectiva competência, uma consciência esclarecida sobre os valores e uma efectiva formação em Bioética que lhes proporcione uma sensibilidade apurada para tomarem a tempo as decisões adequadas.

O progresso já realizado e previsível nos domínios da biologia, nomeadamente da biologia humana, põe questões e lança grandes desafios à reflexão ética.

É difícil encontrar soluções para todos estes problemas éticos que sejam aceites por sociedades pluralistas e ainda é mais problemático encontrar consenso na política universal. Portanto, todo e qualquer País deverão optar por mecanismos próprios de análise ética.

A reacção imediata a estas e outras novas questões foi a de constituir comissões de ética hospitalares. Estas comissões procuram resolver os conflitos éticos que se põem na assistência hospitalar e elaborar protocolos assistenciais nos casos em que seja necessário uma política institucional pela dificuldade do problema ou pela frequência com que ele ocorre. Mas o funcionamento destas comissões fez sentir, de novo, a necessidade de uma formação básica em Bioética.

O facto deste progresso ser hoje possível, significa que o ser humano, não obstante não tenha sido capaz de evitar as guerras e de impedir a pena de morte, é ainda capaz de ser promotor da Vida.

A evolução que se tem verificado no modelo tradicional de família veio permitir a procura das técnicas de reprodução assistida e mesmo apesar destas grandes mudanças terem ocorrido nestes últimos anos, não parece lícito concluir que os actuais padrões de família se encontrem radical e definitivamente alterados no nosso país. Estamos numa época de transição.

Ao estarem hoje disponíveis numerosas tecnologias da reprodução, devemos ter em conta que só é ética a reprodução humana se em todos os seus passos se respeitar as exigências da dignidade da pessoa humana.

Se de facto o Homem é mais do que um animal, então depreende-se que não pode comportar-se como se o fosse.

Mas se nem todos concordamos neste ponto, então o futuro, sem princípios éticos, pode reservar-nos sérios riscos de violações à dignidade da pessoa humana. "A proibição de usar qualquer ser humano, e o mandamento positivo de amar, tornam-se inteligíveis não apenas como arbitrários ou opcionais, mas como imperativos"<sup>(6)</sup>.

As técnicas de PMA trazem consigo a possibilidade senão de curar ao menos de remediar um mal, propiciando ao género humano o sempre e eterno desejo de aceder à descoberta da origem da vida individual, assim como o de mitigar o fim da existência humana através da sua perpetuação<sup>(20)</sup>.

## THE HUMAN BEING AND THE SEARCH OF THE SECRET OF LIFE

### ABSTRACT

To understand what life or a human being are and to answer to the most radical question of ever, has always been the wish of humanity. Since the birth of Louise Brown after *in vitro* fertilization in 1978, and the progress of assisted reproduction technologies, many ethical dilemmas have been raised, for which we have no answers even today. We must know clearly what we want about reproduction, and more about assisted reproduction technologies.

The human being must be respected and protected from the moment of conception and thereafter.

Human reproduction is ethically accepted if we want respect for Human Life on its Origin and Dignity.

**Key-words:** dignity, respect, human life.

Nascer e Crescer 2007; 16(2): 87-91

## BIBLIOGRAFIA

1. Carvalho DD. Do Big Bang à Pessoa Humana – Uma Tentativa de Compreensão Global. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
2. Taylor G. A Revolução Biológica – o futuro do Homem. Lisboa: Editorial Verbo, 1968.
3. Archer L. A construção do homem e os novos eugenismos. Cadernos de Bioética, Ano XII, 2003; 31: 5-14.
4. Jorge MM. Da epistemologia à ética. Brotéria, 1993; 137: 419-432.
5. Silva MAF. Para um humanismo personalista num universo técnico. Revista da Faculdade de Letras – Série de Filosofia, 2ª Série, Porto: Imprensa Sôcia, 1999; I: 292.
6. Watson KR. Man's closeness to the apes argues for a soul. Acção Médica, Ano LXII, 1998; 4: 24-47.
7. Sheed FJ. Theology for beginners, Servant Books, Michigan: Ann Arbor, 1981.
8. Serrão D. As questões antropológicas provocadas pelo desenvolvimento científico e tecnológico. Humanística e Teologia, 1992; 143-176.
9. Domingues FB O.P. Dignidade da Pessoa Humana. Perspectivas, Genética e Pessoa Humana. Coimbra: Centro de Estudos de Bio-Ética, 1991;1: 77-92.
10. Serra Â. O estatuto biológico do embrião humano. Quando começa o ser humano. Acção Médica, Ano LXI, 1997; 4: 23-32.
11. Kant I. Fundamentação da Metafísica dos Costumes, (trad. do original alemão por Paulo Quintela). Lisboa: Edições 70, 1995.
12. Declaração Universal dos Direitos do Homem, adoptada e proclamada pela Assembleia Geral da ONU, na sua resolução 217 A (III), de 10 de Dezembro de 1948.
13. Roque CSJ. Temas de Ética, Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2000.
14. Lebech AMM. Clarification of the Notion of Human Dignity. Maynooth: Faculty of Philosophy, National University of Ireland, 1999.

15. Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida. Relatório-Parecer sobre a Reprodução Medicamente Assistida. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, 1993; Vol. I, (1991-1993): 75-105.
16. Magalhães VP. Sexualidade, definição num contexto bioético. *Cadernos de Bioética*, Ano XI, 2000; 22: 47-48.
17. Leone S. Medicina e Cultura perante a reprodução medicamente assistida. *Ética da Vida Vitalidade da Ética*, Gabinete de investigação de Bioética da Universidade Católica Portuguesa, 1997; 45-56.
18. Archer L. Para uma ética da reprodução humana. *Brotéria*, 1997; 145: 218-225.
19. Archer L. Origem científica e âmbito transc científico da bio-ética. *A Bioética e o Futuro*, Lisboa: Academia das Ciências, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1995.
20. Dias A. Procriação Assistida e Responsabilidade Médica, Coimbra: Coimbra Editora, 1996.

**CORRESPONDÊNCIA**

Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia  
Unidade de Medicina da Reprodução  
Praçeta Dr. Francisco Sá Carneiro  
4400-129 Vila Nova de Gaia  
PORTUGAL  
Telf: 226162518  
Email: hmfigueiredo@yahoo.com